

BRAIT, Beth (org). **BAKHTIN: CONCEITOS-CHAVE**. São Paulo: Contexto, 2005.

Resenhado por: Fabiele Stockmans de Nardi¹

Retomar os textos de Bakhtin, ou um de seus conceitos, é, para mim, perguntar-me não só sobre a complexidade e riqueza de sua produção, mas sobre como pôde esse pensador, no silêncio que lhe impôs a situação política em que estava inserido, no espaço de gelo em que viveu, conceber uma língua tão acolhedora, tão cheia de vidas e vozes, essa *língua viva* que a tantos fascina e que convida a um incessante retorno aos seus textos.

São muitos os que têm perseguido os caminhos da escritura de Bakhtin, observado suas pegadas, tentando compreender as trilhas percorridas, os espaços por ele abertos. E foi justamente ao observar a atenção dedicada ao autor e seu Círculo nos últimos anos que Beth Brait organizou **Bakhtin: conceitos-chave**, publicado pela editora Contexto. O livro, que reúne ensaios de pesquisadores, cujos trabalhos estão vinculados à produção desse filósofo da linguagem, é fruto de um intenso diálogo com/sobre as obras de Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin, que somente começaram a ser conhecidas no ocidente, ainda de forma tímida, nos anos 70, em especial pela vertente de suas análises literárias.

Brait define, na introdução da obra, seu caráter pontual: “responder a insistentes e constantes questões que dizem respeito à maneira como conceitos, categorias e noções foram ganhando especificidade no conjunto dos trabalhos do Círculo” (p. 8). Seu propósito não é, portanto, esgotar a análise sobre as noções apresentadas no livro, mas investigar os conceitos que, considera, formam os pilares do pensamento bakhtiniano.

Uma qualidade central dos ensaios reunidos na obra, e organizados em ordem alfabética, é colocar à mostra o diálogo intenso dos textos de Bakhtin com a produção filosófica de seu tempo, além de evidenciar a coerência temática e a clara linha conceitual, como comenta Sobral, que podemos encontrar nos trabalhos do Círculo.

Debruçar-se sobre os ensaios organizados por Brait é como olhar um mapa de viagem. Cada conceito é o ponto de partida de uma caminhada instigante pela rica produção de Bakhtin e seu Círculo, e caminhar pelos textos e deixar ver os caminhos é um compromisso que a obra realiza. Esse, entendo, é o seu ponto forte, mostrar a intensa produção desse pensador e a intrincada rede conceitual que constrói.

Cabe destacar, ainda, a preocupação, em cada um dos ensaios, de trazer exemplos de aplicação do conceito estudado. Por meio de análises, os autores fazem *trabalhar* as noções sobre as quais se debruçam, comprovando a atualidade do olhar proposto por Bakhtin sobre o discurso, que nos permite falar, a partir de seus textos, sobre processos/instâncias discursivas a respeito das quais, a exemplo do que diz Machado², ele nada disse, mas para as quais convergem suas formulações.

¹ Professora da Universidade de Caxias do Sul

² Graças a essa abertura conceitual é possível considerar as formulações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massa ou das modernas mídias digitais, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse mas para o qual suas formulações convergem. (MACHADO, 2005, p. 152).

É de Adail Sobral o primeiro ensaio do livro, aquele que convida para o passeio. Intitulado *Ato/atividade e evento*, o texto se propõe a discorrer sobre essas noções em termos filosóficos, seguindo a orientação de Bakhtin. Para isso, Sobral busca reconstituir as fontes que foram utilizadas pelo autor para formular o seu conceito, mostrando o que Bakhtin buscou (e também o que recusou) naqueles com quem se propôs a dialogar. O pesquisador nos oferece, desse modo, o complexo quadro das fontes de pesquisa que levaram o filósofo russo à sua concepção de ato e, também, um mapeamento dos textos em que essa noção aparece com destaque.

Ao comentar a leitura que Bakhtin faz do ato em Aristóteles, Platão e Husserl, Sobral afirma que na obra do pensador russo o “ato ultrapassa, em sua condição de processo concreto permanente, jamais acabado, toda e qualquer explicação que lhe retire a materialidade constitutiva e o reduza a algum conteúdo ou produto abstrato de natureza científica, filosófica ou estética” (p. 18). Aponta, assim, para uma característica que considera central na compreensão da noção de ato em Bakhtin: sua materialidade constitutiva.

Ao tratar da noção de ato e sua relação com o agente, o ensaísta propõe o neologismo “*responsabilidade*”. Seu objetivo é “designar por meio de uma só palavra tanto o aspecto responsivo como o da assunção da responsabilidade do agente pelo seu ato, um responder responsável pelo que envolve necessariamente um compromisso ético do agente” (p. 20). Está olhando, nesse momento, o autor, para a ação do sujeito no mundo, para o agir do sujeito, nas palavras de Sobral, um agir situado e avaliativo de um sujeito marcado pela alteridade. E é justamente *resposta* e *responsabilidade* o que o autor destaca ao aplicar as noções de Bakhtin ao *11 de setembro*, ato que é objeto de sua análise e que o leva a concluir que:

Ética, ato, atividade, ação, avaliação, responsabilidade e participatividade constituem, assim, em Bakhtin, bases de uma proposta filosófico-cultural mais ampla, a de uma **Lebensphilosophie** que reconhece a total imersão do filósofo e de seu objeto na vida concreta, no agir situado, não-indiferente, ali onde não há alibi na existência. (p. 33).

Do ato para *Autor e autoria*. É assim que Carlos Alberto Faraco intitula seu ensaio, o segundo da obra sobre Bakhtin, que já inicia destacando uma importante distinção, entre o autor-pessoa (o escritor, o artista) e o autor-criador (função estético-formal), esse sim objeto de estudo do filósofo russo. O autor-criador é a função estético-formal que engendra a obra. Trata-se de uma posição axiológica, “aquele constituinte do objeto estético”, conforme expõe Faraco, “o pivô que sustenta a unidade do todo esteticamente consumado” (p. 37). É no olhar que lança sobre o herói e seu mundo que esse autor-criador se mostra, como uma função que dá forma ao conteúdo, *uma voz segunda*, uma voz social que dá unidade ao todo artístico.

[...] o autor-criador (a voz segunda) é, para Bakhtin, **pura relação**: não se trata de um ente físico (...), mas de uma função narrativa imanente que condensa, num todo estético, um determinado feixe de relações valorativas. (...) é um modo de ver o mundo, um princípio ativo de ver que guia a construção do objeto estético e direciona o olhar do leitor. (p. 42)

Incompletude, inconclusibilidade, alteridade, heteroglossia, polifonia. Essas são algumas noções que Faraco busca na obra de Bakhtin para mostrar essa nova forma de conceber a relação entre o autor e o herói, a autoria e a obra, entre a vida e a arte, a linguagem e o sujeito. Trata-se de um olhar para o estético e para o ético, como mostrará com minúcia Sobral, o olhar para um autor que não apenas fala do herói, mas que fala com ele, que o deixa falar; uma obra que não reflete o mundo, é uma forma de experimentá-lo.

Seguindo a ordem alfabética, *Enunciado, enunciado concreto e enunciação*, escrito por Beth Brait e Rosineide de Melo, marca a nossa terceira parada nessa trilha pelos conceitos do Círculo. Com um olhar atento, as autoras lembram que a leitura desses termos, como dos outros tantos trazidos à tona nesse trabalho, “só têm sentido na articulação com outros termos” (62), porque só na relação podemos encontrar a sua especificidade. E assim o é, também, entre os termos em análise, os quais estão de tal forma entrelaçados que a tentativa de separá-los resultaria no seu inevitável esvaziamento. É por isso que as autoras resolvem trabalhar os conceitos por meio de exemplos concretos, ou seja, ao analisar enunciados concretos, mostram que sua análise só faz sentido quando os remetemos a um *projeto discursivo* específico, e, portanto, a uma rede de relações.

E continuamos pelas palavras de Brait, mais especificamente por suas palavras sobre *Estilo*, conceito que, como diz a pesquisadora, “se apresenta como um dos conceitos centrais para se perceber, a contrapelo, o que significa, no conjunto das reflexões bakhtinianas, dialogismo, ou seja, esse elemento constitutivo da linguagem” (p. 80). Nesse ensaio, destaca-se o trabalho da autora em mostrar como estão ligadas as noções de estilo e dialogismo, o que a leva a afirmar que a questão do estilo, em Bakhtin, está em saber sob que ângulo dialógico se confrontam os componentes ou caracterizadores de um estilo.

Pertencem ao campo do discurso, portanto, as discussões sobre o estilo, sendo impossível sua determinação por critérios puramente lingüísticos. Mais do que isso, é fundamental observar que o estilo não se esgota na autenticidade individual, visto ser uma construção dialógica e, portanto, social. Como diz Brait, nas últimas linhas de seu ensaio, a concepção de estilo “implica sujeitos que instauram discursos a partir de seus enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem a ela e são a ela submetidos” (p. 98).

Ético e estético e Filosofias (e filosofia) em Bakhtin são os dois próximos ensaios do livro, ambos assinados por Adail Sobral, que mostra, novamente, o profundo conhecimento da produção do filósofo russo. No primeiro ensaio, merece destaque a análise feita pelo autor do que chama de *dialogismo generalizado*, o qual, segundo ele, *incide fortemente sobre a noção de sujeito do Círculo*, que implica a recusa das concepções transcendentais, psicologizantes ou da criatividade individual do sujeito. No segundo, o autor coloca em evidência os diálogos filosóficos travados por Bakhtin em sua obra, que divide entre maiores, menores e indiretos, e entre os quais destaca aquele travado com Kant.

Coube, na seqüência, a Irene Machado a tarefa de falar sobre *Gêneros discursivos*, noção que, segundo a autora, é fruto da necessidade, criada pela emergência da prosa, de “outros parâmetros de análise das formas interativas que se realizam pelo discurso” (p. 152). Aproximando a noção de gêneros discursivos daquela

de dialogismo, Machado chama atenção para a especificidade do conceito dentro da teoria bakhtiniana, mostrando a necessidade de compreendê-lo como resultado do que designa de *prosifização da cultura*. “Mais do que reverter o quadro tipológico das criações estéticas, o dialogismo, ao valorizar o estudo dos gêneros, descobriu um excelente recurso para “radiografar” o hibridismo, a heteroglossia e a pluralidade de sistemas de signos da cultura”. (p. 153).

É pelo viés da pluralidade, da heterogeneidade que se pode compreender os gêneros do discurso em Bakhtin, comenta Machado, para quem é preciso pensar o gênero como uma *manifestação da cultura*. O gênero, como expressão da cultura, é orientado pelo espaço-tempo de que é parte. Só se pode compreendê-lo, portanto, se o entendermos como forjado pela cultura, já que surge dentro de tradições com que, de alguma forma, se relaciona, o que faz com que o gênero seja, a cada edição (como as feiras, que Machado analisa), o mesmo e o outro.

O eu, o outro e a palavra retornam nos ensaios finais do livro, que se ocupam, respectivamente, dos conceitos de *Ideologia, Palavra, Polifonia, Tema e significação*.

No oitavo ensaio, Valdemir Miotello procura mostrar o tratamento dado à *Ideologia* nos trabalhos de Bakhtin e de seu Círculo. Segundo Miotello, as reflexões sobre a ideologia nos trabalhos do Círculo partem de uma crítica à produção teórica marxista, que teria, então, dado um tratamento demasiado mecanicista ao conceito. Embora essa discussão inicial, entendemos, mereça maior refinamento³, cabe ressaltar o acertado destaque dado pelo autor à discussão, proposta em *Marxismo e filosofia da linguagem*, sobre a noção de signo ideológico. Conforme Miotello, pela noção de ideologia Bakhtin marca a impossibilidade de se conceber a neutralidade na linguagem, fazendo ver que toda mudança social se marca na língua.

Esse caráter essencialmente ideológico da linguagem é reforçado pelo trabalho feito por Paulo Rogério Bezerra no ensaio que dedica ao termo *Palavra*, por ele definido como “elemento concreto da feitura ideológica” (178). Aqui cabe uma pequena pausa para falar de uma afirmação que percorre todo o trabalho ora analisado, ou seja, a de que Bakhtin vai buscar, longe da pura abstração, olhar para os movimentos da linguagem pelo viés da concretude, de sua efetiva realização como discurso. E não é diferente com a palavra, que surge, portanto, como um produto ideológico resultante de um processo de interação na realidade viva. Conforme destaca Stella, a palavra faz-se signo ideológico porque acumula as entonações do diálogo vivo de que é matéria, ou, nos termos de Bakhtin, “cada palavra se apresenta como a arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória” (p. 180).

Temos, portanto, uma palavra sem acabamento, essencialmente aberta às vozes sociais que a atravessam, prenhe de conteúdo histórico. Poderíamos dizer, assim, que a palavra em Bakhtin é polifônica, no sentido que, conforme nos mostra Paulo Bezerra, é preciso olhar para *Polifonia* na obra desse autor, ou seja, como signo de uma realidade sempre em formação, para a qual não há acabamento definitivo, realidade que é essencialmente inconclusa, dialógica.

³ Talvez fosse esclarecedor um aprofundamento acerca das noções de ideologia oficial e ideologia do cotidiano, e da afirmação, feita por Miotello, de que “a ideologia encontra materialização aqui nas organizações sociais determinadas” (p. 174), com a discussão proposta por Louis Althusser sobre os aparelhos ideológicos de estado. Suspeito que essa leitura talvez pudesse levar a um outro olhar para a questão do assujeitamento, não raro compreendido como um aprisionamento do sujeito, determinação sem espaço de falhas.

Bezerra nos faz retornar ao gênero romanesco para compreender a especificidade da noção de polifonia na obra de Bakhtin, o que só se pode fazer ao entendermos a “natureza ampla e multifacetada do universo romanesco” a que está vinculado o termo e todos que a ele se relacionam. Ao fazer isso nos remete inevitavelmente para os ensaios anteriores e, assim, para as noções de autor, de dialogismo, de gênero, entre outras. Ao analisar o romance *Esaú e Jacob*, de Machado de Assis, vai mostrar como:

[...] o autor, no romance polifônico, não define as personagens e suas consciências à revelia das próprias personagens, mas deixa que elas mesmas se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências (...). Com o olhar deslocado do real móvel e vívido para a ficção, ele não reflete e recria um universo de objetos dóceis e surdos, passíveis de acabamento; reflete e recria a consciência dos outros e seus respectivos universos em permanente não-acabamento, não acabamento que é a própria essência dessas consciências [...] (p. 195).

Como mostrou Faraco, anteriormente, foi isso o que viu Bakhtin em Dostoiévski, essa forma distinta de se relacionar com o herói, esse diálogo intenso que faz do não acabamento um projeto estético.

No último ensaio do livro Willian Cereja fala sobre *Significação e tema*, fazendo um contraponto entre a virtualidade da significação, entendida como os sentidos *potenciais* que o signo assume (ou já assumiu) historicamente, e o aspecto concreto do tema, que além do sentido potencial do signo remete ao sentido que ele assume no momento histórico da enunciação. Embora devamos destacar o acerto com que o autor enfatiza o interesse da questão para os estudos da linguagem, creio que cabe reforçar o caráter relativo da simplicidade que menciona ao analisar os termos em questão, tarefa que obriga, necessariamente, a um compromisso com todo o universo conceitual desenvolvido por Bakhtin e seu Círculo.

Por fim, cabe ressaltar que a obra cumpre com seu propósito de, longe de representar uma palavra final sobre os termos em análise, propor um diálogo que nos leve a (re)encontrar os textos de Bakhtin e a trajetória conceitual que neles se constrói. Como um bom mapa de viagem, indica os caminhos e as paradas obrigatórias a fazer, destacando a necessidade de que olhemos para cada conceito de Bakhtin em seu necessário entrecruzamento com os demais, a fim de que não percamos de vista, como disse Brait, sua especificidade no conjunto dos trabalhos do Círculo. **Bakhtin: conceitos-chave**, mais que um convite à leitura da obra do filósofo russo, é uma prova de como ele se fez pesquisador, nos termos de Sobral, “na coerência teórico-metodológica, na consistência ética, na consciência ética, no espelho da esfera em que ser pesquisador faz, e cria, sentido” (p. 118).

